

# Sou apenas esta criança

GUIDO VIEIRA AROSA

intransitiva  
▪ revista

MEMÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM (V. 4, N. 2, 2020)

# Sou apenas esta criança

Guido Vieira Arosa

---

“Pai, não vês que estou queimando?”

— *A interpretação dos sonhos* – Freud

Difícil para mim entender o que é uma criança de doze anos. Olho na rua um menino e ao saber de sua idade me espanto com sua infância. Ainda é tão pequeno, tão magrinho, tão sem pelos, tão infantil. Quando eu tinha meus doze anos, me imaginava tão maior, com mais pelos, mais poder, mais ação, mais vontade, mais pau. Mas hoje com quase trinta, ao ver uma criança de doze, é isso que vejo: apenas uma criança. E me dá tanta pena. Uma gotinha d’água de gente que tenho certeza de que ainda precisa dos pais para sobreviver e que é incapaz de preparar sua própria comida, que possivelmente chora ao se machucar, que ainda brinca de pique-esconde e pique-pega com os colegas, e que olha para o próprio pênis como o pintinho que ele ainda é.

Observo os pequenos de dez, onze, doze e até treze anos e me dá tanta pena, não deles diretamente, mas de mim mesmo, porque me dou conta de que eu era aquilo, eu era apenas eles quando fui abusado por aquele verme tétrico de quase mil de idade há, agora, dezessete anos. Eu ainda precisava de ajuda para atravessar a rua, mas já havia um homem ajoelhado me chupando. É tão imoral. Mas na época pensava que eu era grande demais, como toda criança afinal se imagina. Não tive os coleguinhas do colégio ou da vizinhança para, brincando, olhar o tamanho da genitália e apenas rir com isso – a criança ri diante do órgão de outra criança; não existe ali sexualização no sentido mais direto da palavra como nós adultos a entendemos. Quando era criança, eu estava ao mesmo tempo sendo chupado por um cara um dia e no outro vendo pela televisão na novela

um casal transando debaixo das cobertas, mas pensando que eles estavam dando um abraço muito forte, ou apenas encostando um órgão no outro, e que isso era transar. A criança não traduz o sexo como sexo pornográfico, ela cria suas próprias teorias.

Quando eu tinha sete, oito anos, meu pênis já ficava um pouco ereto, mas pensava que isso acontecia por conta da urina acumulada, pela vontade de fazer xixi. Com doze, não acreditava mais na ereção por conta da urina, claro, sabia que ali ficava duro porque havia sangue e por isso sentia uma cosquinha, mas não tinha tanta certeza ainda sobre a função do membro e de como operacionalizá-lo rijo. Só em uma adolescência bem mais tardia que fui entender, por exemplo, que a mulher não tem um orifício único que vai da vagina até o ânus, o que revela a total ausência de educação sexual nas escolas e lares brasileiros, que não provoca só desinformação, mas deixa, o que é pior, crianças por conta da ignorância vulneráveis à violação por adultos.

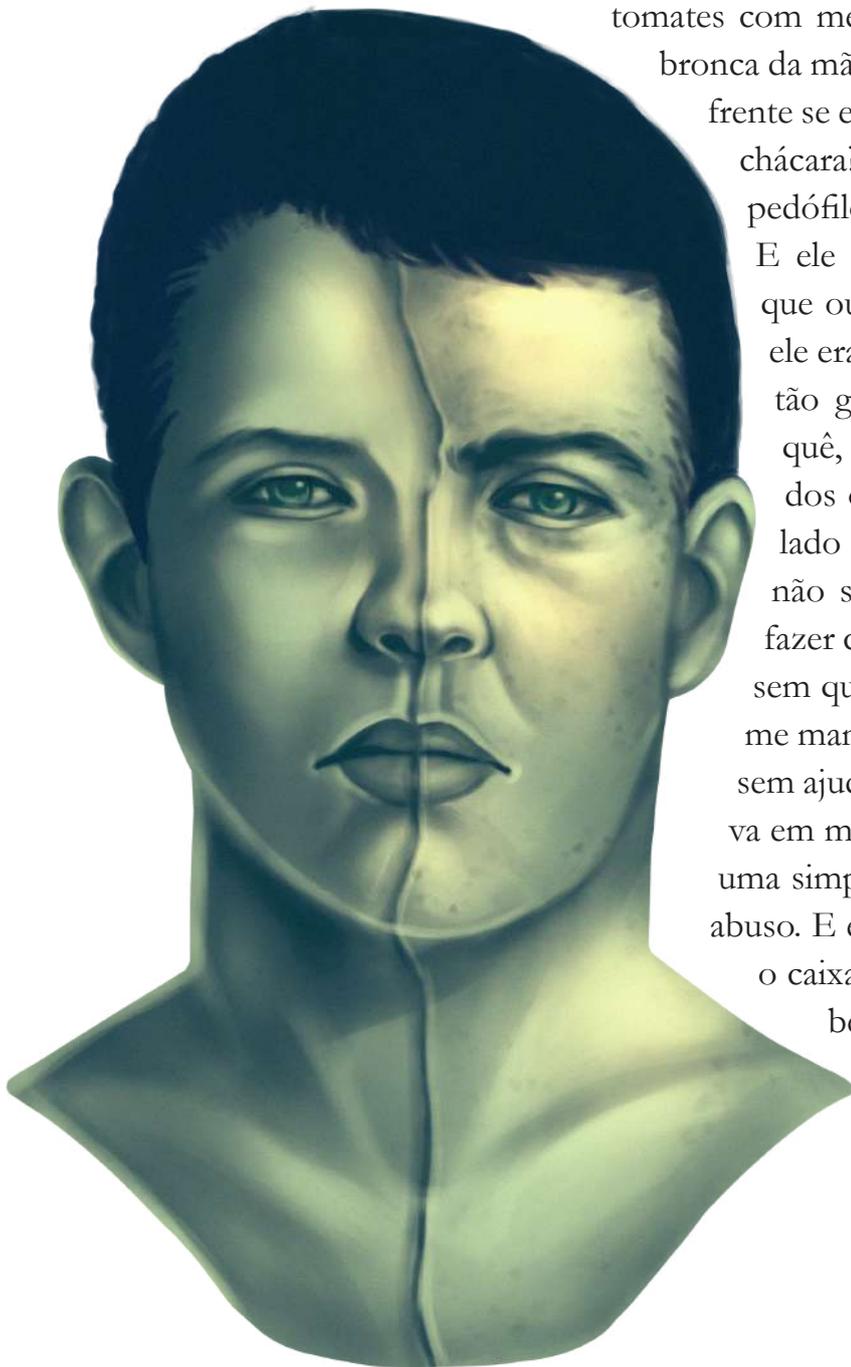
Com doze anos, você não é exatamente inocente de todo, mas também não se pode dizer que um menino dessa idade pode se responsabilizar por seus atos e pelo que fazem de sua pessoa. Eu com onze, doze anos, quem sabe poderia estar começando a entender o início do problema, mas fui catapultado rápido demais para uma resposta sem qualquer tipo de explicação – e isso fui capaz de entender tarde demais. Tarde para impedir o abuso, mas quem sabe ainda cedo para poder me salvar do abismo.

Olho dois meninos de doze anos e para mim é exatamente a mesma coisa que olhar duas crianças de oito ou dois bebês de meses. Todos ali precisam de mim, precisam da minha ajuda para que a comida chegue aos seus pratos, para lavar as mãos em uma pia mais alta, para ir à escola, para absolutamente tudo. Mas quando eu tinha doze anos, não havia ali um adulto para me ajudar a atravessar a rua; havia, sim, um adulto para se ajoelhar diante de mim e chupar meu pau até eu gozar e vez ou outra pedir para eu meter em seu cu. Isso foi o que tive aos doze anos de idade. E é isso o que vejo quando uma criança passa por mim: me vejo naquela criança e vejo aquela inocência totalmente destruída. A vontade que tenho é de chegar perto desse menino de doze anos que hoje vejo passar por mim e dizer: “Calma, não vou deixar que te façam nada de errado”.

Sinto tanto medo ao ver uma criança. Tanto medo e tanta pena. Pena de mim e dela também, claro. Porque ela ainda é muito jovem e vai precisar passar por tanta coisa que nós não teremos como controlar... Só consigo olhá-los e pedir sozinho e baixinho para mim: “Que eles não passem pelo que eu passei”. Estar com as crianças da minha família me dá um desespero tão grande. Impossível conceber outro abuso. Outros abusos. Não pode existir mais nenhum além do meu. Quero ser o único e preservar as gerações futuras. Quero entrar em cada maternidade e dizer a cada mãe e a cada pai: “Protejam-nos e ensinem seus filhos a se protegerem”. Mas não posso... É algo que não tenho como administrar.

E o que fazer por aquele garoto que encontrei certo dia no mercadinho do bairro? Eu via, de longe, que ele, chorando, se escondia atrás dos tomates com medo de alguém. Estaria fugindo da bronca da mãe? Seria menino de rua da praça em frente se escondendo da vilania de um leão de chácara? Estaria fugindo do abuso de um pedófilo? Estaria tentando fugir de quem? E ele olhava para mim (um olho maior que outro, e só um se movia – acho que ele era cego de uma vista –, e a cabecinha tão grande em relação ao corpinho de quê, nove anos) e desviava sempre um dos olhos, que chorava. E eu, do outro lado do mercadinho, na fila dos pães, não sabia como agir: se chegar perto e fazer com que ele chorasse mais e pensassem que era eu, isso sim, seu abusador; se me manter afastado e ficar sem participar e sem ajudar a vida de um menino que chorava em meio a um mercadinho, não sei se de uma simples bronca, não sei se de um atroz abuso. E eu pensando no que fazer andei até o caixa sem conseguir vê-lo mais, sem saber do que fora feito dele, e tendo a certeza de que fui decisivo para sua destruição, por omissão.

Ilustração de Julie França



Um menino entrou no ônibus para vender bala a um real, às oito horas da manhã de uma quinta-feira, no centro da cidade, e quando as pessoas, que não o olhavam – eu também não o via, porque não conseguia, ele era tão pequeno que se eclipsava por entre os passageiros da condução lotada; eu apenas ouvia sua voz –, queriam passar para saltar, ele dizia: “Pode passar que sou mais fino que uma folha de papel”.

Dá tanto nervoso ver a perninha de uma criança de doze anos, porque por mais alta que ela seja, uma perna de criança dessa idade é sempre um caniçozinho ainda meio careca ensaiando pelos, que parece que pode quebrar a qualquer momento. E essa criança tem já a chance de sofrer uma violência sem nome que é a violência do estupro, do abuso, da pedofilia. Ai, minhas crianças... sinto tanto.

E me pergunto como não me viram morrer.

## *Sobre o autor*

Doutorando e Mestre em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ. Especialista em literatura pelo Departamento de Letras da PUC-Rio. Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação da UFRJ.